

## IDENTIDADES TRAVESTIS E ADOLESCENTES

A diversidade sexual refere-se a inúmeras expressões identitárias (1) simplificadas em categorias como LGTTB (Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais). Cada uma dessas categorias pode ser subdividida em um número infinito de identidades. Por isso, apontarei algumas características comuns às identidades travestis que tenho observado junto àquelas que freqüentam atividades do Identidade - Grupo de Ação pela Cidadania LGTTB e do Centro de Referência GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), assim como casos atendidos pelo Projeto Rotas Recriadas no CRAMI (Centro de Referência e Atendimento aos Maus Tratos na Infância).

A maior reivindicação das travestis é o respeito a sua feminilidade, por isso o reconhecimento dos nomes adotados socialmente é fundamental. Segundo a travesti Janaína Lima (2), "A travesti convive muito bem com as possibilidades sexuais que seu corpo lhe dá. Ou seja, o homem e a mulher interagem muito bem dentro desta realidade." O fato da grande maioria de travestis "conviver muito bem" com seus peitos e pênis é uma das características comuns às identidades travestis, isto significa que diferentemente da maioria das transexuais, as travestis não querem fazer a cirurgia de transexualização, conhecida no senso comum como "cirurgia de mudança de sexo".

As travestis adolescentes aprendem junto de outras, todas as técnicas corporais para construir essa estética ambígua. O processo inicia normalmente com o consumo de hormônios femininos indicados por outras travestis. Porém, para conseguir as mudanças necessárias os hormônios são insuficientes, então, a aplicação do silicone líquido, de uso industrial, em diferentes partes do corpo (3) é praticada e legitimada por grande parte desse grupo.

Devido à situação de marginalidade que tantas travestis são submetidas, aquelas adolescentes em processo de montagem (4) de seus corpos que se aproximam desse grupo sabem que a Exploração Sexual Comercial (ESC) é posta como a única forma de sobrevivência (5).

A família, a escola e outras instituições não estão preparadas para acolher e orientar as travestis adolescentes, nem mesmo dialogar sobre as suas necessidades identitárias. Poucos querem tratá-las como mulher. A maior dificuldade é compreender que um corpo biológico masculino não justifica a construção de uma identidade masculina. Imagino que o gênero (6) seja a principal categoria que precisa ser problematizada diante dessas identidades travestis.

A nossa disposição precisa partir de uma sensibilidade profissional para reconhecer que o fato de adolescentes com dezesseis anos (7) já conter silicone líquido aplicado no corpo, conhecer e valorizar as transformações que o uso de hormônios femininos causa em sua aparência, querer ser chamada pelo nome feminino e estar disposta a sofrer as punições da família e da escola que não as aceitam, são elementos para que entendamos que ser travesti adolescente é uma realidade irreversível, como qualquer outra, por exemplo, a heterossexual habitualmente legitimada em nossa sociedade.

O "ethos" (8) travesti também é marcado pela linguagem, o "Bajubá" (9), que as protegem em situações específicas diante da polícia ou da ameaça de violência de possíveis clientes.

O fato das travestis não se identificarem como gays também revela algumas particularidades desses sujeitos, uma delas é que o ato de construir sua feminilidade nem sempre garante que o seu desejo afetivo-sexual irá ser direcionado a um homem, pois, algumas travestis sentem-se atraídas por mulheres ou mesmo por outras travestis.

Defendo que é preciso discutir essas identidades para que possamos tornar as travestis adolescentes menos vulneráveis a cafetinagem(10), aos riscos do uso do silicone líquido (11) e da hormonioterapia, além das relações interrompidas com a família e a escola. Para isso precisamos estar dispostos a pensar também sobre nós mesmos, nossos valores e interesses diante de nossos trabalhos e projeto de vida. Enquanto isso, como tantas outras identidades, as travestis vêm se caracterizando vulneravelmente em nosso meio.

Portanto, é urgente essa discussão específica sobre as identidades travestis na rede de atendimento à crianças e adolescentes da Prefeitura Municipal de Campinas/SP porque a partir disso estaremos mais sensíveis e capacitados para atender travestis e outros adolescentes com identidades diversas.

Tiago Duque

Educador Social de Rua do Projeto Rotas Recriadas.

Aluno de Ciências Sociais da PUC Campinas.

Militante do Grupo Identidade.

E-mail: duque\_hua@yahoo.com.br

#### Referencial Bibliográfico:

BRETON, Daid Le. Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade. Campinas: Papyrus, 2003.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S. A. 1989.

HALL, Stuart. A questão da identidade cultural. (Textos didáticos nº 18). Campinas.

IFCH/UNICAMP, 2003.

#### NOTAS:

(1) Identidades são pensadas aqui a partir de HALL (2003:9), que afirma que as mudanças estruturais nas sociedades modernas "estão também modificando nossas identidades pessoais, enfraquecendo o próprio sentido de nós mesmos enquanto sujeitos integrados".

(2) Janaina Lima é militante do Grupo Identidade e representante da ANTRA - Associação Nacional de Transgêneros. Sobre mais informações consultar entrevista na coluna persona do site [www.espacogls.com.br](http://www.espacogls.com.br).

(3) Existem travestis com mais de dez litros de silicone líquido aplicados em deferentes partes do corpo: rosto, peitos, glúteos, joelhos e pernas. "Corpo" está sendo tratado aqui a partir da definição de BRETON (2003: 28): "O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser no mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um kit, uma soma de

partes eventualmente descartáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal".

(4) A montagem, termo utilizado pelas travestis, refere-se às vestimentas femininas e outras posturas para que sejam reconhecidas como mulheres.

(5) Sobre ESC com travestis adolescentes ver matéria jornalística do Correio Popular de Campinas/SP publicada no dia 03 de maio de 2004, sob o título "Travesti de 16 anos é assassinado no Bosque".

(6) "Gênero" aqui tem sido entendido a partir da definição de "performances de gênero" de BUTLER (2003), que aponta para múltiplas formas performativas de gênero, não apenas a tradicionalmente conhecida como "gênero masculino" e "gênero feminino".

(7) Aqui me refiro a adolescente de dezesseis anos assassinada no bairro Bosque que já estava montada a partir de hormônios e silicone líquido. Também tenho tido acesso no Projeto Rotas Recriadas com adolescente que tem a mesma idade e já iniciou o consumo de hormônios femininos indicados por outras travestis.

(8) "Ethos" está sendo compreendido a partir da definição de GEERTZ (1989:143): "o ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e a seu mundo que a vida reflete".

(9) "Bajubá" é um dialeto utilizado em religiões afro-descendente, onde as travestis assimilaram tal linguagem.

(10) Cafetinagem refere-se a estrutura hierárquica da prostituição entre as travestis. Cafetina é, normalmente, uma travesti que aluga os quartos de sua casa para outras travestis, e acaba explorando financeiramente essas profissionais do sexo.

(11) A aplicação do silicone líquido causa transtornos à saúde, como a absorção do produto pelo fígado e rins. O que ocorre mais freqüentemente é a migração de parte do produto aplicado para outras partes do corpo, como pés e virilha.